

*** PROMETEUS FILOSOFIA ***
CÁTEDRA UNESCO ARCHAÍ
VIVA VOX
Julho- Dezembro de 2016 volume 9 ano 9 n. 20
ISBN: 2176-5960

**JÁ NÃO MAIS “A COISA MAIS IMPORTANTE DENTRE AS
MENOS IMPORTANTES”:
A PRESENÇA DO FUTEBOL COMO PROVOCAÇÃO
INTELLECTUAL¹**

Hans Ulrich Gumbrecht
Stanford University

Para a Copa do Mundo de Futebol de 1974, a seleção alemã — que, a propósito, sendo a favorita e jogando em casa, venceu sem qualquer brilho — gravou, pela primeira vez, uma canção cantada em coro, cujos título (“Futebol é a nossa vida”)² e verso mais famoso (“Futebol Soberano rege o mundo”)³ nos fazem hoje recordar o *status* social de que gozava o esporte em torno de meio século atrás. Naturalmente, a intenção da letra era ser “bem-humorada”, para ser ouvida, cantada e embalada com um

¹Tradução e publicação autorizadas pelo autor a Guilherme Foscolo e Nicolau Spadoni e à Prometeus – Filosofia em Revista do artigo originalmente publicado pela revista alemã *Die Zeit*, em 21 de março de 2016, sob o título “Die Zuhandenheit im Sport: Die intellektuelle Herausforderung des Fussballs”. Disponível em: <http://www.zeit.de/2016/11/fussball-geschichte-essay>. Acesso em 16 de maio de 2016. Para a versão brasileira, o título sugerido pelo próprio autor foi: “Längst nicht mehr ‘schönste Nebensache’: Die intellektuelle Herausforderung des Fussballs”. Tradução: Guilherme Foscolo de Moura Gomes, doutor em filosofia e professor da Universidade Federal do Sul da Bahia, e Nicolau Spadoni, graduando em filosofia pela da Universidade de São Paulo. As notas que seguem são de autoria dos tradutores.

² “Fussball ist unser Leben”, no original.

³ “König Fussball regiert die Welt”, no original.

sorriso inebriado,⁴ pois não havia ninguém que levasse a sério que o Futebol Soberano (e não a política ou a economia) realmente pudesse reger o mundo. É claro — e isso graças às constantes “vozes críticas”, alarmistas diante de excessos —, o futebol era considerado então “a coisa mais importante dentre as menos importantes do mundo”, algo que combinava bem com uma cultura do tempo livre, de “alegria e tranquilidade”,⁵ como celebrava uma outra música daquele mesmo LP.

Com a ascensão dos esportes modernos — que se iniciou nos anos 1800, sobretudo na Inglaterra, com competições profissionais incrivelmente populares (sobretudo de boxe) e também como parte do currículo nos colégios (o remo, por exemplo) —, as modalidades coletivas, que anteriormente nunca haviam sido populares, levaram quase cinquenta anos para serem introduzidas e precisaram de mais meio século para se tornar favoritas do público para além dos países anglo-americanos. Ainda em 1924, os organizadores dos Jogos Olímpicos de Paris ficaram atordoados com o entusiasmo gerado pela superioridade do time vencedor, o dos extraordinários futebolistas uruguaios, e por suspeitarem tratar-se de atletas profissionais pressionaram por sua expulsão. Isso conduziu, com alguns rodeios institucionais, à primeira Copa do Mundo, realizada em Montevidéu em 1930, em que, na final, o Uruguai derrotou a Argentina por 4-2 diante de mais de 70.000 expectadores. Junto com as Olimpíadas de Berlim de 1936, tal evento estabeleceu um novo patamar de atenção dos espectadores e (desde 1954 no rádio e cada vez mais na televisão) da mídia, coisa que caracterizou a metade ampla do século XX. O futebol havia se tornado, internacionalmente, o passatempo mais popular do mundo.

Desde então, um aumento quantitativo e constante de suas mais diversas dimensões se converteu em uma transformação qualitativa. Apenas algumas centenas de milhares de espectadores assistiram ao “Milagre de Berna”⁶ de 1954 pela televisão e, nos anos sessenta, a Alemanha ainda se indignava com o salário mensal de 14.000 marcos alemães que Max Merkel recebia na função de técnico do Munique 1860, ao

⁴ No original, “Asbach-Uralt Schmunzeln”. Passagem intraduzível: Asbach Uralt é um conhaque alemão, de modo que Gumbrecht se refere às risadinhas, sorrisos e gracejos de quando se está bêbado de Asbach Uralt.

⁵ “Frohsinn und Gemütlichkeit”, no original.

⁶ “Das Wunder von Bern”, no original, faz referência à histórica vitória da seleção alemã na final da Copa do Mundo de 1954, na cidade de Berna, na Suíça, contra a então favorita e aparentemente imbatível Hungria de József Bozsik e Ferenc Puskás. A seleção húngara, entre 1950 e a Revolução Húngara de 1956, jogou 50 partidas: 42 vitórias, sete empates e apenas *uma* derrota — justamente no jogo que deu à Alemanha seu primeiro título mundial. Além disso, na fase de grupos da Copa de 1954, a seleção húngara e a alemã já haviam jogado, com vitória da seleção húngara por 8-0.

passo que, desde então, a receita dos técnicos-estrela centuplicaram, os índices de audiência de grandes torneios chegou ao dígito dos milhões e os ingressos para ir aos estádios se tornaram financeiramente acessíveis para cada vez menos torcedores. Não podemos quantificar outros desdobramentos porque, inicialmente, eles apenas revelariam as frágeis suposições de determinados aspectos de nossa experiência cotidiana. Por exemplo, a distância entre os eleitores do SPD e os eleitores do CDU ainda é, para o sucesso dos negócios, um problema maior do que a rivalidade entre os torcedores do Bayern e do Dortmund?⁷ Aspirantes à academia podem arcar, ainda hoje, com a velha pressuposição de abstinência futebolística como condição fundamental para a seriedade científica?

Tais questões podem soar risíveis ou irônicas, muito embora elas apontem para ambivalências que já há bastante tempo são reais. Atualmente, nós intelectuais procuramos, por um lado, acompanhar os discursos de especialistas sobre o esquema tático ou a dinâmica do mercado de transferências e, por outro lado, contamos apenas com argumentos “críticos” batidos, seja para condenar a nova proeminência social dos esportes como uma anomalia monstruosa, seja para inflá-la como uma igualmente estranha esperança coletivo-pedagógica. Talvez nos sobrecarreguemos menos diante da seguinte questão: como, desde a primeira metade do século passado, se chegou a essa nova situação?

Fora das fronteiras institucionais dos esportes, dois desenvolvimentos convergentes foram cruciais. Em primeiro lugar, nossa crescente concentração na tela do computador fez da fusão entre consciência e *software* a situação básica das mais diversas profissões (inclusive das previamente mais proletarizadas).⁸ Despertou-se, daí, uma necessidade sem precedentes de compensação para a falta de movimento físico, necessidade que foi então direcionada para a atividade física pessoal e para a atividade física como espetáculo. Em segundo lugar, essa necessidade é amplificada por uma mudança nas imagens de mundo e de sujeito que nos afasta da ideia de um progresso constante o qual nós, no papel de agentes intelectuais, acreditávamos guiar, e nos arremessa em direção a uma presença em expansão de sobrepujante complexidade, em

⁷ *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD) é o Partido Social-Democrata da Alemanha, de orientação socialdemocrata; *Christlich Demokratische Union Deutschlands* (CDU) é a União Democrata-Cristã da Alemanha, partido da Chanceler Angela Merkel e de orientação conservadora liberal.

⁸ Gumbrecht parece aqui contrapor o regime de trabalho digitalizado (*softwares*, máquinas etc.) ao regime de trabalho analógico (proletarizado).

que nossos corpos, enquanto objetos da experiência de si e de cuidados preventivos, voltaram a se colocar em primeiro plano.

Nesse novo enquadramento das nossas vidas, a partir do qual também emergiu a consciência ecológica e suas formas políticas, a tradicional rivalidade entre o esporte amador e o esporte profissional criou uma enérgica complementaridade. Em virtude dos impulsos do cuidado-de-si, diversos esportes, que outrora eram exclusivamente praticados por amadores, passaram a ser amplamente praticados e, por meio da indústria de artigos esportivos, tornou-se possível sustentar uma elite de atletas de ponta. Nós corremos pela manhã e assistimos lado a lado no *laptop*, à noite, a Maratona de Tóquio e a semifinal da Liga dos Campeões da Europa. Hoje em dia, nenhum outro movimento ocupa mais o tempo livre, que é cada vez maior, da classe média global.

Mas como devemos responder a esse desenvolvimento que, não obstante todos os protestos morais contra os salários dos esportistas e a exaustiva atenção da mídia, provavelmente ainda está somente no início de sua expansão? Talvez nos ajude um deslocamento na compreensão da descrição, aparentemente casual, de um “cavalo de corrida genial” que se encontra no romance *O Homem sem Qualidades*, de Robert Musil. Se por muito tempo os especialistas interpretaram a expressão como crítica irônica a uma forma específica de entusiasmo esportivo, hoje tem ganhado cada vez mais força o entendimento de que ela faz referência a um tipo específico de inteligência — ainda em desenvolvimento em sua peculiaridade. O que realmente queremos dizer quando falamos de um “meio-campo genial”?

As palavras de Musil tinham um efeito irônico na medida em que nós pressupúnhamos uma relação clássica com o mundo, mantida por aquilo que Martin Heidegger descreveu como “subsistência” [*Vorhandenheit*]. Uma inteligência tão genial quanto a de Einstein, Marie Curie ou Immanuel Kant só pode ser uma inteligência que se põe a observar o mundo das coisas e dos corpos de um modo tal que traga verdades à luz e introduza possibilidades de transformação. Essa vida do gênio clássico e da subsistência é uma busca permanente pela verdade e pela inovação. Nada difere mais claramente da forma de vida de um esportista “genial”, que pertence a um espaço circunscrito e imutável dentro do qual ele, com o seu corpo e obedecendo a certas regras, joga através das variações em relação a coisas e a outros corpos. O esportista está mais próximo, assim, do contra-conceito de Heidegger da “utilizabilidade” [*Zuhandenheit*], que pauta a nossa relação com um mundo físico familiar, no qual descobrimos a precisão das posições e configurações como “soluções” e no qual

também podemos sempre melhorar — mas não encontramos nenhuma verdade definitiva.⁹

Não é somente o esporte que vem se desenvolvendo como uma nova dimensão da nossa presença na esfera da utilizabilidade [*Zuhandenheit*], mas também a tecnologia eletrônica, que transformou tão eficazmente nossa relação com o espaço e com o conhecimento sem, contudo, jamais nos dar a impressão de que se baseou numa única inovação. Steve Jobs, que até hoje é o mais admirado protagonista do Vale do Silício, não criou nenhuma nova linguagem de programação, mas desenvolveu dinâmicas de relacionamento físico com os computadores nas quais nos sentimos bem, isso na medida em que ele encontrou, por meio de múltiplas variações e com o pensamento voltado para a perfeição estética, o lugar exato para as invenções de outras pessoas (como o “mouse” ou a “touch screen”) em relação aos nossos corpos. Por isso, seria importante conceber os gols de Messi, por exemplo, ou o estilo do FC Barcelona, como equivalentes à tecnologia eletrônica de Jobs, ou seja, como espaço de experimentação para novos relacionamentos e coreografias no campo das coisas e dos corpos.

Uma primeira confirmação da intuição de que tal perspectiva sobre o esporte poderia ajudar a explorar seu potencial específico de utilizabilidade [*Zuhandenheit*] talvez já esteja na popularidade crescente, e até mesmo banalizada, da metáfora do “time” para determinadas formas cotidianas de trabalho coletivo profissional. Pois a relação entre os jogadores de uma equipe (“um time”) numa partida não corresponde nem ao nosso conceito de “solidariedade” (as ações individuais não precisam ser conduzidas por motivos iguais ou convergentes) nem ao de “amizade” (a simpatia individual não é uma condição necessária para o sucesso da minha equipe). No “time” se implementa uma modalidade flexível de relação social orientada ao sucesso para a

⁹ Gumbrecht resgata os termos heideggerianos que distinguem as relações-mundo da “subsistência” (*Vorhandenheit*) e da “utilizabilidade” (*Zuhandenheit*). É curioso notar que um dos sentidos do prefixo *vor-*, ou mesmo da preposição *vor*, é “diante de”: por exemplo, a palavra *Vorstellung*, comumente traduzida por “representar”, significa literalmente “pôr-diante-de”. A *Vorhandenheit* conformaria, portanto, o modo de relação-mundo em que nos pomos *diante dele, a observá-lo e descobri-lo*, tomando-o como um *objeto* (*Gegenstand*), assim como o faz “uma inteligência tão genial quanto a de Einstein, Marie Curie ou Immanuel Kant”. Já um dos sentidos do prefixo *zu-* é o de “junto a, junto de”: *zusagen*, por exemplo, comumente traduzida por “concordar, aceitar, confirmar”, significa literalmente “falar-junto-a” e, mais obviamente, a palavra *zusammen*, que é formada por *zu* e o verbo *sammeln*, é literalmente *zu-sammeln*, “reunir-junto-a/de”. A *Zuhandenheit*, por conseguinte, não se configura como a *relação-mundo* do indivíduo que analisa o objeto diante de si, mas sim do indivíduo que está metido no mundo (*junto a ele e junto dele*), num modo de relação distinto daquele de *observar* e *descobrir*, mais próximo de *experimentar*, *utilizar* e até mesmo *intuir*. Daí que Gumbrecht diga que o “gênio” da *Vorhandenheit* busque constantemente a *verdade* e a *inovação*, enquanto que o “gênio” da *Zuhandenheit*, pelo contrário, não chegue a *nenhuma verdade*, mas atue indefinidamente em um processo de experiência, reposição e redescoberta de configurações corporais e coreográficas.

qual não temos nenhum termo na linguagem cotidiana a não ser, justamente, a intuição do esporte.

E mesmo que o futebol, sendo um jogo, esteja removido da vida cotidiana como esfera de objetivos concretos (isso vale mesmo para os profissionais que, sabidamente, não encontram o gol quando estão pensando na sua conta bancária), a sua produtividade como fonte de formas de comportamento só aumenta. Especialmente desde o fim do saudoso período em que esse esporte ainda se orgulhava de seu *status* de “coisa mais importante dentre as menos importantes”, veio à tona uma consciência para diferentes “estratégias” e “esquemas táticos”: “futebol total” (Johan Cruyff e seu técnico Rinus Michel), “catenaccio” (Giacinto Facchetti e Helenio Herrera), “one-touch soccer” (Zinedine Zidane e Vicente del Bosque), “tiki taka” com “falso nove” (Lionel Messi e Pep Guardiola), mas em especial a concepção de uma nova distribuição espacial para os diferentes papéis funcionais, desenvolvida principalmente por Joachim Löw, para a qual ainda não há nenhum conceito mas que conta com uma série de nomes emblemáticos — Manuel Neuer, Thomas Müller, Mesut Özil. Como estruturas fluidas de organização social (e, mais generalizadamente, como formas de nossa relação de utilizabilidade [*Zuhandenheit*] para com o mundo), tais “sistemas” são, certamente, sintomas de mudanças nas formas de nossa vida conjunta. Neste aspecto do futebol — como “expressão” de transformações sociais — já começam a se concentrar as humanidades e os cientistas sociais. Contudo, desse modo se relega ao esporte, em relação à realidade cotidiana, um mero estatuto secundário, precisamente o estatuto de uma reação, de um sintoma. Mas, acima disso, nossa dificuldade em renunciar a essa conversa de “time” fortalece a intuição de que as mudanças constantes nas coreografias incorporadas pelos “jogadores geniais” há muito já se tornaram uma influência definitiva — e inspiradora — para a realidade social.

Esse possível modo de pensar traz, para a nossa presença, o desafio intelectual do futebol e dos esportes em geral, pois antes de tudo deixa para trás a perspectiva da “coisa mais relevante dentre as menos relevantes”. Ele não precisa necessariamente conduzir a uma tentativa mais determinada de “uso” do esporte como uma fonte de variação em nossos modos de relação com o mundo — pois uma de suas forças reside precisamente na distância do cotidiano de objetivos e funções práticos. Por outro lado, o fato das camisas de futebol (com todas aquelas estampas de patrocinadores) terem se tornado há muito um estilo internacionalmente aceito de roupa cotidiana e um fator decisivo no orçamento dos empreendimentos esportivos mostra o quão

irremediavelmente romântico seria qualquer engajamento que remetesse o futebol de volta à sua tradicional posição, isto é, aquela em que ele faz, exclusivamente, parte do nosso tempo livre. Antes de tudo, para além da euforia ou do pessimismo cultural, o futebol se torna um objeto fascinante de análise e reflexão.